

**INTERFACES ENTRE GILBERTO FREYRE E DANTE DE LAYTANO: A
“DEMOCRACIA GAÚCHA”**

Maurício Lopes Lima*

Resumo: procura-se efetuar uma leitura aproximativa dos textos de Dante de Laytano sobre o negro no Rio Grande do Sul com os parâmetros balizados por Gilberto Freyre para o estudo valorativo do negro e das relações étnico-racial no Brasil. Argumenta-se que há uma aproximação por parte de Laytano no que tange a elaboração de uma versão para o Rio Grande do Sul das relações sociais e étnico-raciais amenas e democráticas, de acordo com o modelo freyriano.

Palavras-chave: democracia racial, historiografia, Rio Grande do Sul

Abstract: we try to make an approximate reading of the texts of Dante Laytano on black in Rio Grande do Sul, with parameters delimited by Gilberto Freyre for the evaluative study of black and ethnic-racial relations in Brazil. It is argued that there is an approximation by Laytano regarding the development of a version for the Rio Grande do Sul of social relation and mild ethnic-racial and democratic, according to the model Freyrian.

Keywords: racial democracy, historiography, Rio Grande do Sul.

Introdução

Dante de Laytano foi um destacado intelectual sul-rio-grandense que marcou seu espaço no pensamento social e político abordando a mais vaiada gama de temas sobre a formação deste estado sulino, entre eles, o papel do negro escravizado.

Dante de Laytano nasceu em Porto Alegre em 23 de março de 1908 e faleceu em fevereiro de 2000. Laytano era descendente de imigrantes italianos calabreses, portanto um indivíduo de extração popular, mas que, devido à condição de classe média urbana de sua família, teve acesso a boas escolas. Concluiu o colegial no Instituto Ginásial Júlio de Castilhos, de Porto Alegre, em 1925 e, em 1930, bacharelou-se pela Faculdade de Direito de Porto Alegre.

Laytano também sempre teve muita habilidade política para galgar espaços de evidência no cenário político e intelectual local. Seu sobrenome verdadeiro não possuía

* Técnico em Assuntos Educacionais no Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Câmpus Ibirubá. Especialista em História pela Universidade Federal de Santa Maria, Mestrando em História pela Universidade Passo Fundo.

a letra “y” e sim a letra “i”, a substituição teria sido uma estratégia para ocultar a descendência italiana e “espanholizar” sua origem. Sua trajetória intelectual foi bastante intensa, embora não tenha construído uma obra admirável em termos de rigor analítico e literário, produziu estudos importantes que lhe garantiram espaços verdadeiramente privilegiados no cenário intelectual sul-rio-grandense, como o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRS), a Academia Rio-grandense de Letras, a chefia dos Departamentos de História da Universidade do Rio Grande do Sul (URGS) e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

De maneira simplificadora, pois Laytano publicou até a década de 1980, podemos enquadrar o “cerne” de sua produção no período que vai de 1930 a 1960. A partir de 1930 passa a pesquisar história, efetua suas primeiras publicações e é admitido como sócio efetivo do IHGRS. Na década de 1940 sua atuação seria muito importante na criação e estruturação dos cursos de História da PUCRS e da URGS. Em 1952, quando essa universidade foi federalizada, Laytano foi nomeado catedrático.

Em 1935, publicou *História da República Rio-Grandense*, por ele mesmo considerado como uma obra central em sua trajetória, o seu redirecionamento, tendo a partir daí se apresentado sempre como historiador. Em 1936, publicou *Os africanismos do Dialeto Gaúcho*, onde se propôs a analisar a “antropologia filológica do linguajar gaúcho”, vendo como os termos de origem africana contribuíram na formação do linguajar típico do Rio Grande do Sul. A preocupação com a história do negro sul-rio-grandense assumiu, a partir de então, parte importantíssima de sua obra. Segundo ele próprio, depois da Revolução Farroupilha, a temática do negro foi seu maior *corpus* de interesse científico.¹

Enquanto intelectual orgânico das classes dominantes sul-rio-grandenses, a obra de Laytano é bastante diversa e, ao mesmo tempo, estratégica na abordagem temática: nessa *démarche*, abordou diversos temas, com maior e menor repercussão, entre eles, o negro, influenciado pelo sucesso de Gilberto Freyre.

No que tange os estudos raciais e culturais, a influência de Gilberto Freyre é salientada por alguns estudos sobre a obra de Laytano. Ele fez um grande esforço para apresentar o Rio Grande do Sul como um reduto decisivamente luso-brasileiro. As matrizes étnico-culturais do sul-rio-grandense, assim como as brasileiras, seriam o português, o negro e o índio, nessa sequência.

Desde seus primeiros trabalhos Laytano referenciou-se em Gilberto Freyre, e sempre procurou dialogar com pesquisadores do centro do país embora nunca abandonasse sua preocupação com o regional e o popular. Inclusive aderiu ao grupo de estudiosos do folclore brasileiro no final da década de 1940, a partir da Comissão Nacional de Folclore (CNFL), com influências nítidas de Gilberto Freyre.² Atuou destacadamente como presidente da Comissão Estadual de Folclore (CEF), fundada por ele em 1948, e esteve, a partir dessas instituições, sempre atento ao que era valorizado na pesquisa nacional sobre a *cultura popular*.

De forma geral, é fato evidenciado a influência de Freyre sobre Laytano. Há trabalhos que abordam essa questão, embora não de forma central. Letícia Nedel, por exemplo, mostra que Laytano, na aula inaugural do curso de filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, em 1953, cita cinco pontos em que, para ele, Gilberto Freyre revolucionou as abordagens sobre a cultura brasileira:

a) Renovação e impulso dos estudos dos afro-brasileiros; b) valorização da obra do colonizador português; c) difusão, entre nós, de estudos notáveis de norte-americanos e ingleses [...]; d) História das cidades brasileiras tradicionais; e) atenção e importância para os pequenos fatos sociais, os detalhes e os pormenores.³

Fazendo um acompanhamento da obra de Laytano, percebemos que a influência dos pressupostos definidos por Gilberto Freyre permeia fortemente sua produção. A fórmula dada por Freyre é valorizada por ele, que se dedica à construção da imagem do Rio Grande do Sul enquanto parte importante da cultura luso-brasileira.

A importância do trabalho de Freyre desdobra-se, para além de um modelo de interpretação das relações inter-raciais e do legado cultural africano. É um elo entre a História e as Ciências Sociais e receita de interpretação social. Laytano refere-se a Freyre como um de seus grandes mestres, aquele que lhe chamou a atenção para a importância da esfera cultural, da cultura popular, do pulsar cotidiano da história e da necessidade de interpretá-la além da pura comprovação documental.

A junção do historiador e do folclorista em Freyre indica a importância da obra freyriana na inclinação de Dante à história social e ao culturalismo da vertente antropológica norte-americana:

Gilberto Freyre foi minha grande influência, eu vi que as coisas que determinam os fatos históricos não são apenas as solenes, as políticas, as administrativas ou os grandes fatores (...) os pequenos fatos, os costumes, a maneira de vestir, a maneira de conviver na época, os hábitos e os jogos também representam a história.⁴

Em outra passagem, o historiador e folclorista confessa a importância que o tema relativo ao negro, de maneira articulada a Gilberto Freyre, assume em sua obra. Em entrevista concedida a Moacyr Flores, ele comenta que em primeiro lugar seus trabalhos abordaram o tema relativo à Revolução Farroupilha e o segundo ponto mais importante por ele considerado teria sido “estudar o negro”.

Estudei o comportamento do negro no seu legado religioso, no espírito guerreiro, no vocabulário gauchesco. Estudei também algumas sobrevivências de costumes africanos, como por exemplo, a festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Escrevi uns 10 ou 15 artigos, seguindo a filosofia de Gilberto Freyre de que o negro sempre foi um injustiçado e que não era um elemento marginal como os historiadores [gaúchos que negavam a influência negra no estado] comprometidos gostam de dizer, mas que o negro teve um papel muito importante na história do Rio Grande do Sul.⁵

Dante de Laytano foi realmente um pioneiro ao estudar a contribuição do negro na formação da sociedade sulina. Foi ele um dos primeiros a contradizer a mitificação da “inexistência” do negro no Rio Grande do Sul, procurando apresentar documentos e registros que acabaram por se mostrar consideráveis.

Em um importante ensaio, o historiador Mário Maestri mostrou como o negro escravizado não esteve presente desde as primeiras construções analíticas da formação da sociedade sulina. Se nos limitarmos a um período mais restrito, podemos afirmar que, desde a abolição da escravidão, juntamente com a transição do Império à República – quando surgiram mais efetivamente análises da composição histórica do Rio Grande do Sul – até o momento em que Laytano produz suas pesquisas, os estudiosos sulinos *higienizaram* de suas análises a presença do trabalhador escravizado.

É interessante ver como a exclusão do negro é perene, independente da polarização entre liberais ligados à economia à cultura pastoril e republicano-

positivistas, defensores de um projeto filo-capitalista modernizante. Se olharmos, por exemplo, como fez Maestri, para três grandes intérpretes da formação sulina no final do século 19 - Assis Brasil, Alcides Lima e Cezimbra Jacques – perceberemos que, entre aproximações e distanciamentos ideológicos, uma característica entre eles é comum; a exclusão do negro escravizado da formação do Rio Grande do Sul.

Em uma geração imediatamente precedente a Laytano, entre os anos dez e os anos vinte, podem ser identificados como referências os trabalhos de Rubens de Barcelos e Jorge Salis Goulart que, com maior exemplaridade, servem de arquétipos desse *establishment* dos primeiros tempos de República em que o negro escravizado não foi visto como *apropriado* para ter algum espaço de contribuição reconhecido. Aqui também, independente da simpatia de Salis Goulart ao mundo pastoril e, em sentido oposto, a filiação republicano-positivista de Rubens de Barcelos, uma coisa é comum; a exclusão do negro. Entretanto, aqui já aparece uma nova preocupação; não se trata mais de ignorá-lo e sim condená-lo e desqualificá-lo, amparados no racismo científico da época, ou idealizar as relações raciais historicamente desenvolvidas na sociedade escravista sul-rio-grandense, mitificando-as e adocicando-as enquanto democráticas e amistosas.⁶

A História enquanto disciplina passou a uma autonomia e institucionalização no Rio Grande do Sul apenas na década de 1920, com a fundação do IHGRS. Letícia Nedel e Mara Rodrigues afirmam que no episódio de sua fundação em 1920, o IHGRS tinha uma produção extremamente metódica, preocupada com a erudição documentária da qual acreditavam fazer uma análise imparcial, considerando o documento como “fiel depositário da verdade”.⁷

O discurso do Instituto Histórico não era equânime, ele abrigava facções com projetos distintos. Sandra Pesavento, no já clássico texto “Historiografia e Ideologia”, do Livro *RS: Cultura e ideologia*, lançado com fins revisionistas da produção intelectual rio-grandense, faz uma análise das “tendências da historiografia gaúcha” e da posição ideológica dos intelectuais, comprometidos com a classe dominante. Para o que nos interessa neste estudo, ela destaca a tendência dessa produção historiográfica de produzir uma história *conservadora e tradicional*, salientando a “glorificação do gaúcho”, as “tradições militares do estado”, a “tradição política”, o “espírito democrático”.⁸ Dentro dessa perspectiva, para a autora, além das diferenças político-partidárias estava o compromisso ideológico de manter um discurso legitimador da hegemonia da classe dominante.

Na defesa da formação lusitana sul-rio-grandense, o que já representava um avanço na aproximação com a nação brasileira, “os historiadores do IHGRS

continuavam zelando pela frondosa árvore genealógica que ligava seus heróis farroupilhas e republicanos às elites do Império.”⁹ Dessa forma, eles continuavam legitimando a “hegemonia da oligarquia e de outros grupos da elite em detrimento dos subalternos, cuja presença no território gaúcho chega a ser negada”.¹⁰ Tudo isso no Rio Grande do Sul, enquanto “no centro e em outras regiões do país os estudos sobre o folclore e a cultura afro-brasileira passavam a ser valorizados”.¹¹

Essa característica *conservadora* da historiografia sul-rio-grandense estava em descompasso com outras regiões do país onde os debates se renovavam em função de novas conjunturas políticas e, principalmente, marcados por um amplo projeto de repensar a sociedade brasileira, forjando uma identidade que desse conta de sua formação diversa, onde a cultura popular e os elementos folclóricos serão privilegiados à uma história política e tradicional.

Dante Laytano está no centro da questão mais polêmica da historiografia do negro no Rio Grande do Sul, entre outros intelectuais seus contemporâneos. Referimo-nos à questão da *democracia racial*. Ao resgatar a significância do negro na sociedade escravocrata, esse historiador e folclorista construiu uma visão amenizadora da exploração e conciliadora dos conflitos, procurando demonstrar um espírito flexível do branco e uma condição abnegada e passiva do negro.

Essa abertura levou-nos a atentar para a obra de Dante de Laytano e de uma das principais referências, seu contemporâneo, em “assuntos do negro brasileiro”, Gilberto Freyre. Este sociólogo tem posição paradigmática em relação a uma reviravolta na “imagem” que se tinha do negro no Brasil. Freyre [re]constrói a concepção *científica* sobre o negro e a miscigenação, além de incluí-lo na própria composição da *identidade* brasileira ao lado do português e do indígena. Contudo, o resgate efetuado por Freyre esteve comprometido *ideologicamente* com um ideal de integração social e étnico-racial no Brasil. A “tríade racial” português-índio-negro tornou-se o mito fundador do “homem brasileiro” e uma relação “harmônica e equilibrada” entre esses três elementos teria predominado em relação às desavenças. Essa interpretação ficou conhecida na literatura como *mito da democracia racial*.

A principal crítica que se faz ao estudo do negro por Dante de Laytano é quanto ao seu caráter “tradicional” e harmônico. Entretanto, é preciso perceber que essa característica faz parte da própria estratégia de abordagem do tema, que é freyriana e

assim conscientemente conservadora, conciliadora e “acrítica” das contradições e da severidade do sistema escravista. É dessa forma que a análise da abordagem de Dante de Laytano, em relação ao negro, demonstra que, em sua raiz, há uma forte preocupação no sentido freyriano quanto à influência sociocultural dos negros e sua histórica identificação e conciliação com a sociedade branca.

A perspectiva conciliadora das relações étnico-raciais na historiografia de Laytano.

Voltando à narrativa histórica de Dante de Laytano, sua leitura evidencia a defesa da existência da predominância de relações democráticas, cordiais e de cooperação entre negros e brancos, escravos e senhores. A configuração desses princípios se expressou, para Laytano, em várias esferas da sociedade. Nas relações de trabalho, na relação doméstica pessoal, na atividade militar e na própria índole colaborativa do negro, assim como no caráter justo e democrático do branco.

No livro *História da República Rio-Grandense*, de 1935, Laytano dedica um sub-item para avaliar a importância do negro tanto na sociedade sul-rio-grandense quanto no processo revolucionário. Embora dedicando poucas páginas ao negro, neste livro estão ideias muito importantes que serão retomadas em textos posteriores, principalmente a forte defesa de relações amistosas do branco senhorial com o negro escravizado. Um exemplo é o livro *O negro no Rio Grande do Sul*, de 1957, onde Laytano reproduz, de forma mais elaborada, as mesmas teses.

O trabalho escravo é um dos principais pontos de defesa de tal interpretação. No Rio Grande do Sul, para o autor, a atividade escravocrata encontrava duas realidades distintas, a estância e a charqueada. De antemão, é necessário fazer uma observação quanto à posição de Dante de Laytano diante dessa dicotomia. Na historiografia produzida no Rio Grande do Sul até a década de 1960, quando passou a haver as primeiras contraditas à tese da escravidão branca, ignorava-se ou fazia-se vista grossa às realidades diferenciadas, nas condições de trabalho, entre a estância e a charqueada. Apresentava-se uma visão branda do que ocorrera na estância e na atividade pastoril como se fosse a expressão completa das condições do trabalho escravo no Rio Grande

do Sul.¹² Ignorava-se, portanto, o trabalho na charqueada, que foi um dos mais insalubres e extenuantes que houve no Brasil. Como alertou Fernando Henrique Cardoso, que considera Dante de Laytano “um erudito” – conhecedor das fontes –, “é preciso reconhecer, como Laytano fez, que as fontes divergem quanto ao tratamento dispensado ao negro.”¹³

A questão é que Laytano, apesar de mostrar tais disparidades no tratamento dado ao negro, na estância e na charqueada, esforça-se para justificar a necessidade do tratamento severo, como tentaremos mostrar. Suas principais fontes são os relatos de três viajantes europeus que estiveram no Rio Grande do Sul na primeira metade do século XIX e anotaram suas impressões da sociedade sulina: Auguste Saint-Hilaire, Nicolau Dreys e Arsene Isabelle.

Quanto ao aspecto brando das condições do trabalho escravo, a primeira questão levantada é o caráter limitado e apazível do trabalho na atividade pastoril. Conforme relata Laytano, na estância não se necessitava de muita mão-de-obra e a atividade a desempenhar seria extremamente simples. Assim, a utilização do negro foi dividida com a do índio, pois esse trabalho simples, em sua percepção, estaria de acordo com as limitadas capacidades do nativo indígena, ao que ele afirma em uma expressão de caráter determinista:

A vida pastoril é monótona e sem acidentes. De sol a sol, apenas uma espécie de guarda dos animais. Ora, a psicologia do aborígine facilmente se achou bem, nesse estado de trabalho de vigilância e de energia pacífica, que estavam nos seus hábitos.¹⁴

Nas interpretações de Laytano, na fazenda, era o negro quem cuidava do trabalho doméstico, mas mesmo aí sua relação com o branco era pacífica e muito próxima, pois não existia luxo por parte do senhor.

O negro na estância, entretanto, possuía quase as mesmas regalias de seus senhores, pelo menos, o stand de vida de ambos é semelhante, numa certa passagem parei, informa Saint Hilaire, em uma estância que se compõe de miserável palhoça, aberta, e de algumas casas de negro. Revela desta maneira como habitavam brancos e africanos.¹⁵

Para legitimar a simplicidade da vida e a horizontalidade das relações sociais na estância, ele se utiliza mais uma vez das observações de Saint-Hilaire. Esse escritor anotava que a vestimenta, por exemplo, era quase a mesma entre o senhor e o escravo.

[Usava-se] lã para [confeccionar] ponchos grosseiros de negros. Poncho que os *brancos também usavam* como cheripá. A pequena manufatura nascia nas casas dos proprietários de terras, e latifundiários mais modestos, às vezes os ricos também, eram os artífices tecelões do rudimentar traje do prêto. Reflexos da parcimônia lusitana (...).¹⁶

Ou então passagens como essa; agora de Arsene Isabelle:

Todo mundo comia no mesmo prato, escreve desolado e acrescenta: “não bebíamos nunca comendo, mas depois da refeição um negro trazia um chifre cheio d’água na roda, e cada um bebia por sua vez”.¹⁷

Em outro texto, o historiador evoca novamente as percepções de Saint-Hilaire para corroborar a peculiaridade da província no relacionamento de escravos e senhores.

Diz Saint-Hilaire: - Tive já oportunidade de referir ao fato de serem vendidos aqui os negros imprestáveis aos habitantes do Rio de Janeiro; quando querem intimidar um negro ameaçam-no de enviá-lo para o Rio Grande. Entretanto não há, creio, em todo o Brasil, lugar onde os escravos sejam mais felizes que nesta capitania. Os senhores trabalham tanto quanto os escravos, mantêm-se próximo deles e, tratam-nos com menos desprezo. O escravo come carne a vontade, não é mal vestido, não anda a pé, sua principal ocupação consiste em galopar pelos campos, cousa mais sadia que fatigante. Enfim, êles fazem sentir aos animais que os cercam uma superioridade consoladora de sua condição baixa, elevando-se aos seus próprios olhos.¹⁸

Comentários como esse, embora sejam citações e não afirmações do próprio Laytano, transmitem no texto uma noção de aval à documentação produzida por Saint-Hilaire à concepção de “igualdade” entre senhores e escravos. Na realidade, Laytano não se atém a tecer comentários, críticas ou interpretações da real possibilidade da existência de tais condições, ou do cunho extremamente racista do final da última citação, por exemplo. Ele apresenta os registros de Saint-Hilaire como retratos reais das condições de vida e relações sociais da sociedade escravocrata.

O mesmo não acontece com outras “inconveniências” de suas fontes – que não deixa de mostrar – como os relatos de maus tratos, castigos ou juízos condenatórios da severidade do sistema escravocrata sul-rio-grandense. Ou seja, Laytano, nesse ínterim, tenta justificar e até mesmo *historicizar* criticamente a necessidade de tais atitudes. É o caso do “problema” charqueada. “Saint-Hilaire, [diz ele] não escapou a visão que distingue o negro da estância e da xarqueada”.¹⁹

Continuando sua leitura de Saint-Hilaire, Laytano cita:

Afirmi, diz ele, nesta Capitania, os negros são tratados com bondade e que os brancos com êles se familiarizam, mais que em outro ponto do país. Referia-me aos escravos das estâncias, que são em pequeno número; mas nas xarqueadas a cousa muda de figura (...).²⁰

Essa citação não é acrescida de avaliações e juízos. Entretanto, ela é seguida de um panorama que contrasta com aquela realidade, o da brandura das relações na estância, o que leva a uma interpretação da tentativa, por sua parte, de atenuar a gravidade do panorama descrito por Saint Hilaire.

Em outra passagem, também do mesmo viajante, Laytano expõe a “rudeza” e a “exagerada severidade” com que os negros da charquada eram tratados.²¹ Essas passagens são seguidas de uma avaliação das condições socioeconômicas em que a esse local de trabalho estava imerso. Diante disso, Laytano conclui pela necessidade do tratamento rigoroso como decorrente das estruturas sociais ali existentes. Diz ele:

O proletariado das casas de salgar carnes foi o mais sacrificado da democracia campesina. Início do período industrial, e a coletividade trabalhista oferecia um aspecto de volume, grandeza, que apenas poderia ser denominada pele energia, então, sinônimo de chicote, hoje com as devidas proporções, diz-se lei social.²²

Ou seja, como dissemos anteriormente, as contraditas à tese da escravidão harmônica devem ser amainadas, o que Dante de Laytano procura fazer diante das condições desfavoráveis do negro dentro do sistema escravocrata.

A partir de Saint-Hilaire, Laytano expõe, assim, as condições hostis ao negro como castigos severos, falta de sentimentos humanísticos por parte dos senhores e explorações extenuantes. Contudo, para encerrar as observações sobre as anotações do viajante francês, em relação à exploração do trabalho negro, complementa:

Próximo à cidade de Rio Grande, o viajante francês depara com uma granja típica de açoriano (...) seu pomar é extremamente bem cuidado (...) é de notar que para cuidar desse pomar, ele, o dono, emprega doze negros; certamente três jardineiros cultivariam muito melhor um espaço de terreno semelhante e conclui a observação: os negros são naturalmente poucos ativos: quando livres só trabalham mal e com excessiva lentidão.²³

O que é grave nessa citação é a sugestão de que o negro, quando tratado de forma amena, não trabalha direito. Logo, trata-se de mais uma expressão de Saint-Hilaire usada de forma autônoma no texto, assumindo claramente um tom de referendo de sua parte a essas concepções.

Dante de Laytano foi tradutor de uma dos textos²⁴ de Arsene Isabelle, francês que esteve no Rio Grande do Sul, entre os anos de 1833 e 1834. Isabelle efetuou uma análise bastante pejorativa da sociedade escravocrata sul-rio-grandense, criticando os maus tratos e os inúmeros castigos aplicados aos negros.

Laytano não deixa de utilizar as impressões desse viajante, contudo apresenta inúmeras críticas às concepções de Isabelle que certamente estavam ligadas ao juízo condenatório que esse autor fez das relações raciais no Rio Grande do Sul. Assim, pondera Laytano, “vamos deixar de lado o estudo crítico da obra de Isabelle, seu amadorismo literário, defeitos e injustiças para extrair de seu livro algumas notícias. Não é muita coisa, mas sempre uma dúzia de observações se consegue”.²⁵ Logo adiante radicaliza afirmando que “Isabelle não se contem e aproveita para escrever uma catilinária em regra contra os senhores de escravos”.²⁶

Contudo, conforme Fernando Henrique Cardoso chamou a atenção, o juízo mais comprometedor que Laytano faz da obra de Arsene Isabelle é justamente o não uso, ou seja, a ocultação proposital do que não lhe “agrada” mostrar.

Assim, Laytano, depois de citar um texto de Isabelle no qual o autor descreve as duras condições de vida do escravo negro, omite as considerações feitas contra a exploração do negro dizendo: “Isabelle desabafa e solta impropérios terríveis contra a exploração do negro (...), mas essa má literatura agora não nos interessa”.²⁷

Em *História da República Rio-Grandense* o historiador/folclorista defende o “valioso papel” do negro como aliado dos revolucionários. Todas as análises nessa perspectiva apontam para uma relação de cumplicidade, fidelidade e submissão do negro para com os seus senhores companheiros de batalha. Ou então destaca a admiração que o negro adquiriu por sua bravura, o que levou mesmo o senhor a admirar sua “sagacidade” e seu “espírito de liberdade”.

Analisando a Revolução Farroupilha, por exemplo, lança mão da famosa lei assinada por Bento Gonçalves (em 11 de maio de 1839) em que equipara, no tratamento, os soldados do Império aos seus soldados negros, ou seja, se os negros capturados pelas forças do Império fossem açoitados pelas tropas imperiais, os Republicanos também dispensariam o mesmo tratamento aos soldados do Império que fossem aprisionados. A lei é utilizada por Laytano como exemplo máximo do sentimento anti-escravagista dos sul-rio-grandenses, levando-o a afirmar que o “sentimento abolicionista sempre foi da índole do sul-riograndense”.²⁸ Além disso, a parceria e a cumplicidade desenvolvidas na guerra teriam sido tão sólidas ao ponto de findado o conflito, os “homens de côr, que tinham se libertado por servirem à República, perdiam sua independência, voltando aos seus antigos senhores”.²⁹

Considerações finais

Apesar da defesa do valor do negro escravizado, sua riqueza cultural, sua contribuição para a construção da sociedade brasileira e sul-rio-grandense, permanece o racismo na forma de abordar desses autores, quer seja Dante de Laytano, ou Gilberto Freyre. Permanece inclusive a concepção da inferioridade do indígena e do negro em relação ao branco, conforme estava nos pensadores deterministas aos quais eles se opunham.

Laytano estava imerso num ambiente dominado pelo positivismo e herdeiro de uma tradição científicista convicta do determinismo biológico sobre os comportamentos

sociais dos indivíduos. Contudo, conforme ele próprio confessa, e sua obra aponta para tal, procurou também dar atenção ao social e à cultura, vendo a parte que lhes cabia na composição sociocultural da sociedade sul-rio-grandense.

Como condição para entender a enorme legitimidade que a construção da democracia racial assumiu na historiografia produzida no Rio Grande do Sul, Fernando Henrique Cardoso analisou a importância do contexto nacional onde tal interpretação se afirmava como paradigma. “É inegável que a aceitação [no Rio Grande do Sul] da existência de uma sociedade democrática, embora inverídica historicamente, vale como demonstração do vigor do *padrão brasileiro* de convivência inter-racial”.³⁰ Esse “padrão brasileiro” ao qual Cardoso se refere é justamente a interpretação freyriana que assume enorme legitimidade e influência no pensamento brasileiro do período em questão.

Outra conclusão a que Cardoso chega, e com a qual também concordamos, é a intenção da “mitificação” e construção ideológica em si, tanto no caso brasileiro como na sociedade sul-rio-grandense.

Ela assume uma importância considerável no processo de avaliação atual do negro pelo branco e de racionalização dos motivos de tratamento assimétrico no presente: toda reconstrução do passado rio-grandense em termos da “sociedade rural democrática” visa, ao mesmo tempo, glorificar o branco-senhor, magnânimo em face do negro, e considerar o negro como *realmente* e não *socialmente* inferior. Assim o branco castigaria o negro (as evidências dos suplícios e as observações dos viajantes não são desconhecidas dos historiadores eruditos), porém, merecidamente [e aqui Cardoso faz uma citação de pé de página comentando justamente Dante de Laytano]; a sociedade seria democrática, mas sem o “rebaixamento” do senhor aos inferiores; e assim por diante.³¹

Essa implicação “atual” do problema do negro brasileiro é o que parece realmente central em torno desse debate.

É por isso que, no conjunto desse trabalho, procuramos problematizar o que chamamos de desdobramento político da abordagem desse historiador sobre o negro no Rio Grande do Sul. A inserção do negro no rol dos estudos e na própria história do Brasil não se faz devido a preocupações puramente científicas, mas também política, cultural e ideológica. O caso do Rio Grande do Sul não é diferente, contudo, se era

necessário integrar o negro, era também preciso pô-lo no seu “devido lugar”, um lugar que, obviamente, não estava à mesma altura do branco.

Referencias:

CARDOSO, F. H. **Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1977.

FLORES, Moacyr. **Dante de Laytano e o negro no Rio Grande do Sul.** Cadernos IHU idéias, ano 5 – nº 79- 2007 – 1679-0316. Unisinos: Instituto Humanitas Unisinos. 2007.

_____. 2000. **Historiografia de Dante de Laytano.** Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXVI, nº 1 p. 7-22, junho 2000.

_____. Moacyr. **Nos caminhos da História com Dante de Laytano.** Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXI, nº 1 p. 109-117, julho 1995

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala: introdução a historia da sociedade patriarcal no Brasil,** Rio de Janeiro: Jose Olympio Editora. 1966.

_____. **Continente e ilha.** In: Problemas brasileiros de Antropologia. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.1973.

FREITAS, Décio. "O Gaúcho: o mito da produção sem trabalho" In: José H. Dacanal e Sergius Gonzaga. **RS: Cultura e Ideologia.** Porto Alegre, Mercado Aberto.1980.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. 2006. **Depois da democracia racial.** *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 18, n. 2, p. 269-287, novembro de 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v18n2/a14v18n2.pdf>, acessado em: 05/10/2008.

GUTFREIND, Ieda. **A historiografia Rio-Grandense.** 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS,1998.

LAYTANO, Dante de. **As Congadas do município de Osório**. Boletim de Estudos do Folclore do Rio Grande do Sul. Edição da Associação Rio-grandense de Música.1945.

_____. **Folclore do Rio Grande do Sul**: levantamento dos costumes e tradições gaúchas. Caxias do Sul: EDUCS. 1987.

_____. **História da república rio-grandense (1835-1845)**. Porto Alegre: Sulina.1983.

_____. **Os Africanismos do Dialeto Gaúcho**. Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul – II Trimestre do Ano XVI, Porto Alegre.1936.

_____. **O negro no Rio Grande do Sul**. In: Anais do Primeiro Seminário de Estudos gaúchos. Porto Alegre: PUCRS, p. 27 – 106,1957.

NEDEL, Leticia B. **A recepção da obra de Gilberto Freyre no Rio Grande do Sul**. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v13n1/a04v13n1.pdf>, acessado em: 12/04/2008.

_____. & RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. **Historiografia, crítica e autocrítica**: itinerários da História no Rio Grande do Sul. In: Agora/Universidade de Santa Cruz do Sul, Departamento de História e Geografia – vol. 11, n. 1 2005, p. 161 – 186. 2005.

PESAVENTO, Sandra. **Historiografia e Ideologia**. In: José H. Dacanal e Sergius Gonzaga. **RS: Cultura e Ideologia**. Porto Alegre, Mercado Aberto. 1980.

PEZAT, Paulo. **O positivismo na abordagem da recente historiografia gaúcha**. In: *Anos 90*. Porto Alegre, v. 13, nº 23/24, p. 255 – 285.2006.

SILVA, E. Maran Queiroz da & CUNHA, Ivanir. **O mito da escravidão cordial sul-rio-grandense**: uma discussão historiográfica. Educ, Porto Alegre. V.1 n.9, p.6-13, outubro de 2007.

VILHENA, Luis Rodolfo. **Os intelectuais regionais**. In: <http://luisrodolfovilhena.googlepages.com/IntelectuaisregionaisRBCS.pdf>, Acessado em: 03/ 06/2009, 1996.

-
- ¹ Cf. FLORES, Moacyr. **Nos caminhos da História com Dante de Laytano**. Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXI, nº 1 p. 109-117, julho 1995.
- ² Cf. VILHENA, Luis Rodolfo. **Os intelectuais regionais**. In: <http://luisrodolfovilhena.googlepages.com/IntelectuaisregionaisRBCS.pdf>, Acessado em: 03/06/2009, 1996.
- ³ LAYTANO apud NEDEL, Letícia B. **A recepção da obra de Gilberto Freyre no Rio Grande do Sul**. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v13n1/a04v13n1.pdf>, acessado em: 12/04/2008, 2007, p. 105.
- ⁴ LAYTANO, apud FLORES, 1995, p. 113
- ⁵ Ibid., p. 115.
- ⁶ Cf. MAESTI, Mário. *História e historiografia do trabalhador escravizado no RS: 1819-2006*. In: GLADYS LECHINI [Compiladora]. **Los estudios afroamericanos y africanos en América Latina: herencia, presencia y visiones del otro / compilado por Gladys Lechini**. 1a ed. - Córdoba: Ferreyra Editor; Centro de Estudios Avanzados; Programa de Estudios Africanos; Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2008.
- ⁷ NEDEL, Letícia B & RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. **Historiografia, crítica e autocrítica: itinerários da História no Rio Grande do Sul**. In: Agora/Universidade de Santa Cruz do Sul, Departamento de História e Geografia – vol. 11, n. 1 2005, p. 161 – 186. 2005, p.166.
- ⁸ PESAVENTO, Sandra J. *Historiografia e Ideologia*. In: José H. Dacanal e Sergius Gonzaga. **RS: Cultura e Ideologia**. Porto Alegre, Mercado Aberto. 1980, p. 60-83 passim.
- ⁹ NEDEL, 2007, p. 103.
- ¹⁰ PEZAT, Paulo. **O positivismo na abordagem da recente historiografia gaúcha**. In: *Anos 90*. Porto Alegre, v. 13, nº 23/24, p. 255 – 285.2006, p. 261.
- ¹¹ NEDEL, op. cit., p. 103.
- ¹² Cf. SILVA, E. Maran Queiroz da & CUNHA, Ivanir. **O mito da escravidão cordial sul-rio-grandense: uma discussão historiográfica**. Educ, Porto Alegre. V.1 n.9, p.6-13, outubro de 2007; FREITAS, Décio. "O Gaúcho: o mito da produção sem trabalho" In: José H. Dacanal e Sergius Gonzaga. **RS: Cultura e Ideologia**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980.
- ¹³ CARDOSO, F. H. **Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.1977, p. 120.
- ¹⁴ LAYTANO, Dante de. **História da República Rio-Grandense (1835 – 1845)**. Porto Alegre: Globo, 1935. p. 142.
- ¹⁵ LAYTANO, Dante de. **O negro no Rio Grande do Sul**. In: Anais do Primeiro Seminário de Estudos gaúchos. Porto Alegre: PUCRS, p. 27 – 106, 1957, p. 79.
- ¹⁶ Ibid., p. 79, grifo meu.
- ¹⁷ Ibid., p. 83.
- ¹⁸ Ibid., p. 73.
- ¹⁹ LAYTANO, 1957, p. 78.
- ²⁰ Ibid., p. 79.
- ²¹ Ibid., p. 75.
- ²² Ibid., p. 76.
- ²³ Ibid., p. 81.
- ²⁴ “*Viagem a Buenos Aires e Porto Alegre, pela Banda Oriental, Missões do Uruguai e da Província do Rio grande do sul, seguida de considerações sobre o estado de comércio exterior francês, e principalmente para o Brasil e o Rio da Prata*”.
- ²⁵ LAYTANO, 1957, p. 83.
- ²⁶ Ibid., p. 84.
- ²⁷ Ibid., p. 84.
- ²⁸ LAYTANO, 1935, p. 151.
- ²⁹ Ibid, p. 153.
- ³⁰ CARDOSO, 1977, p. 117, grifo meu.
- ³¹ Ibid., p. 118.